

Dança Contemporânea no esquema Delivery

Coreógrafa paulista Cláudia Muller traz ao Recife a performance Dança Contemporânea em Domicílio. As entregas da apresentação podem ser agendadas gratuitamente hoje e amanhã.

Olívia Mindelo

oliviamindelo@jc.com.br

O Recife já teve a chance de ver muitas experimentações em dança contemporânea - nos palcos, e nas ruas, mas entrega de performances em residências? Não, isso parece bastante inusitado por aqui. Pois é essa a proposta que a coreógrafa e performer Cláudia Muller, paulista radicada no Rio de Janeiro, traz à cidade, ou melhor, aos interessados em receber em casa (ou em outro lugar) uma apresentação do projeto Dança Contemporânea em Domicílio. Para agendar uma "visita" da bailarina, basta ligar hoje ou amanhã... para a central da APACEP, responsável pelo Janeiro de Grandes Espetáculos, festival ao qual a artista está vinculada.

...A bailarina não se veste nem se comporta como um entregador de pizza, mas sua escolha foi inspirada num entregador de farmácia que passava de bicicleta. Não deixa de ser uma provocação sobre qual o sentido da cultura como mercadoria e um debate sobre o espaço da dança para além dos palcos. "Essa é uma das discussões do meu trabalho: ele não deixa de ser uma mercadoria, mas é uma mercadoria diferenciada. Por exemplo, eu procuro levantar perguntas, e não simplesmente fazer a entrega. Qual produto te questiona sobre alguma coisa?" - indaga a coreógrafa.

O cerne de Dança Contemporânea em Domicílio está no deslocamento do corpo para o lugar que o público deseja. "Já fiz performance até num carro e na UTI de um hospital", revela...

O projeto foi criado em 2004 e já passou por vários lugares.

Com 37 anos e 20 de carreira profissional, Cláudia Muller teve formação em balé clássico, mas hoje em dia dispensa qualquer fronteira artística, uma vez que já absorveu outras linguagens, chegando a artistas como Lygia Clark, por exemplo. Uma das marcas do seu trabalho é justamente o diálogo com o "outro", segundo ela, condição sine qua non para a sua arte..."

Diário de Pernambuco - Recife, 8 de janeiro de 2008

Dança com entrega em domicílio no Recife

Carolina Leão

"Não é telemensagem.", adianta a bailarina carioca Cláudia Müller. Idealizado há 4 anos, o projeto Dança Contemporânea em Domicílio não se afasta, no entanto, das estratégias de marketing do mercado que tentam conquistar mais consumidores com ofertas alternativas de comodidade e pagamento...

A interferência e diálogo da dança com espaços não-convencionais, como casas particulares ou empresas, é outro ponto de destaque da proposta conceitual da bailarina. A idéia de explorar novos ambientes fora dos palcos e das plataformas de encenação tradicional vem sendo estudada e discutida, desde a ascensão da performance como discurso cênico, nos anos 60. A iniciativa de Cláudia explora ainda mais essa tendência e diminui as fronteiras que separam a arte da vida cotidiana...



A bailarina carioca Claudia Müller, em nome do Movimento de Dança do Recife, fez uma 'entrega' de dança nesta sexta 11, na sede da Regional Nordeste do MinC. O projeto acontece na cidade por conta do 14º Janeiro de Grandes Espetáculos. A entrega trata do trabalho do artista e sua busca contínua por seu espaço no mercado cultural. Müller, ao final, recebeu os agradecimentos da equipe do MinC NE.

Bienal Sesc de Dança começa hoje, em Santos

A memória que está impregnada nos casarios antigos e no complexo portuário de Santos será alimentada e reativada de hoje a domingo, quando 43 companhias de dança do Brasil e de outros cinco países tomarão conta da cidade litorânea. Sob o tema 'Memória Que se Inscreve', mais de 50 espetáculos, oficinas e mesas de debate serão oferecidos ao público dentro da programação da 5.^a Bienal Sesc de Dança...A estreita relação estabelecida entre o espectador e o criador, em que a passividade e a ação são facilmente confundidas, é o ponto em comum entre os dois festivais.

No caso da Bienal de Dança, exemplo disso são as instalações coreográficas que podem atender à mesma função das obras de arte no campo das artes visuais, segundo a coordenadora de dança do Sesc São Paulo, Simone Ingebruch. Mas com muito mais interatividade, Cláudia Müller, do Rio, vai entregar a dança em domicílio, literalmente. De hoje a sexta, ela vai atender a 'pedidos' por telefone e 'entregá-los' pessoalmente em locais onde movimentos coreográficos jamais seriam aguardados. Durante 10 minutos, ela vai apresentar uma coreografia suscetível à dissolução no tempo e no espaço. Serão dez entregas por dia limitadas aos canais 4 e 5, que propõem uma discussão, acima de tudo, sobre o papel do consumidor da arte.

7ª Mostra de Dança de Corumbá lança o "Disque-dança"

Capital do Pantanal

A sétima edição da Mostra Corumbá - Santuário Ecológico da Dança, que será realizada de 4 a 9 de setembro, terá uma surpresa para o público corumbaense: a dança contemporânea em domicílio, uma nova proposta de divulgar e popularizar a arte do tablado hoje difundida em algumas cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Como uma entrega comum, foi disponibilizado um disque-dança (3232-9981), onde a pessoa faz contato com o Moinho Cultural Sul-Americano e solicita a presença da bailarina em casa, na rua, no restaurante, no supermercado, no trabalho, escola, etc.

O disque-dança já começa a receber as inscrições a partir desta segunda-feira, 27. Durante a apresentação, entra em cena a premiada bailarina paulista Cláudia Müller, vencedora do prêmio Itaú Cultural em videodança. Ela vai ao endereço registrado e apresenta sua performance, que dura cinco minutos. A reação de quem recebe o "produto", muitas vezes solicitado por outra pessoa, é acompanhada por uma produção.

A dança contemporânea em domicílio é uma concepção, criação e performance de Cláudia Müller, que já fez entregas em festivais de dança e até em ateliê de confecção de fantasias de escola de samba, no Rio, onde se encontrava uma senhora até então avessa à balé. A surpresa e o comportamento de quem recebe a dança faz parte do seu contexto. A coordenação da Mostra Corumbá informa que a bailarina se apresentará nos dias 5 e 6 de setembro, das 14h às 17h, atendendo a cinco pedidos por dia.

Como sugestão, o pedido da dança contemporânea em domicílio pode ser solicitado como um presente ou surpresa a alguém, no local de trabalho ou mesmo na rua, em casa. A reação adversa do espectador faz parte do espetáculo, e ele acaba se tornando também estrela do vídeo produzido durante a "entrega". "A proposta é popularizar a dança e ver o comportamento das pessoas diante do inusitado", explica a coordenadora da Mostra e diretora do Moinho Cultural, Márcia Rolon.

Videodança

O público que assistir a Mostra Corumbá, na Praça Generoso Ponce, poderá conferir, na abertura da programação, todos os dias, aos melhores videodança produzidos no Brasil. Nos documentários, os movimentos da dança e da câmera se juntam, e a linguagem cinematográfica (cortes, stills etc.) finaliza a obra de arte.

Durante três dias do evento, no Moinho Cultural, o produtor artístico e curador carioca Leonel Brum estará coordenando um workshop sobre mostra comentada de videodança. Dedicada aos públicos da dança e do audiovisual, o evento tem como objetivo lançar reflexões sobre o cruzamento das linguagens do vídeo, do cinema e da dança.

Propositamente fora do compasso

Ainá Vietro aina.vietro@an.com.br

Florianópolis - O número de telefone é (48) 3222-8925. Você pode ligar e encomendar alguns minutos de dança contemporânea que a bailarina e coreógrafa Cláudia Müller vai até o endereço solicitado e apresenta a coreografia. "Dança Contemporânea em Domicílio" desfaz a idéia de que a performance deve ser obrigatoriamente feita no palco de um teatro. Esse é um dos trabalhos (diferenciados) que está na programação do Múltipla Dança 2007 - Seminário Internacional de Dança Contemporânea, que começa hoje em Florianópolis...

O reverso da repetição

Cláudia Müller - a mesma que apresenta "Dança Contemporânea em Domicílio" - vai ministrar oficina sobre técnica e criação de quarta a sexta-feira, sempre às 9 horas. "Quero trabalhar questões básicas e entrar no viés de como a pessoa se disponibiliza para criar." A coreógrafa acredita que o bailarino de dança contemporânea de hoje não é mais um repetidor de movimento, pensamento bastante difundido, segundo ela, nos anos 1980. "Hoje não faz mais sentido trabalhar fora do contexto da pesquisa/investigação", defende.

28/07/2007

Dança Contemporânea em Domicílio promete ser atração em Bonito

"Anúncios oferecem a possibilidade de encomendar o 'produto'. Basta telefonar e solicitar cinco minutos de dança contemporânea". Com essa proposta, Cláudia Müller leva ao Festival de Inverno de Bonito o espetáculo "Dança Contemporânea em Domicílio".

"Busca-se aproveitar a imagem de um entregador comum para recriá-la em outro contexto. A encomenda pressupõe um dançarino que realiza o seu ofício, entregando um bem 'não-utilitário', uma mercadoria não usual, cujo consumo está na fruição do espectador", disse Cláudia Müller. Os interessados poderão fazer "encomendas" para que a dança seja entregue em qualquer lugar - em um restaurante, em casa ou escritório.

"Uma dança que se importa menos com movimentos concretos e mais com os espaços imaginários abertos no encontro com o espectador - consumidor: qual o lugar deste ofício, como é percebido, quais seus recursos, qual seu alcance, como é remunerado", explica Muller.

A coreógrafa e bailarina também assina um dos vídeos da Mostra de Videodança que será exibida às 18 horas de sexta-feira (03). A obra Fora de Campo, da videomaker Valeria Valenzuela, traz o ponto de vista do espectador sobre a entrega de dança. "A videodança busca a reconstrução deste acontecimento através do olhar daqueles que o vivenciaram. O resgate do ponto de vista do observador torna presente a obra que permanece no fora de campo", disse Muller.

Além dos espetáculos de dança, o Festival de Inverno contará também com shows, exposições de artes plásticas, mostra de cinema e vídeo, feira de artesanato, palestras e oficinas.

Serviço

A apresentação será na sexta-feira (03), entre 9h12 e 12h16, no Teatro Escola. O 8º Festival de Inverno de Bonito é uma realização do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul e da Prefeitura Municipal de Bonito.

Para ficar mais perto

por Christianne Galdino

Dizem que a obra de arte só se completa no espectador, só fica pronta (se é que fica) no encontro do artista com o público. Por outro lado, os ditos populares e alguns escritores como o poeta Ezra Pound já anunciaram que “o artista é a antena da humanidade”, ou seja, está sempre um passo à frente, assumindo o ofício de captar e adiantar o futuro. Talvez essa questão de múltiplas temporalidades, tão comum nos dias de hoje, possa justificar o hiato persistente entre o público e a dança contemporânea. Talvez seja outro o tempo do artista e em um 'porvir' possa enfim se dar esse encontro de 'completude'. Mas é freqüente ouvirmos queixas dos coreógrafos que se dedicam a esta linguagem - de inúmeros sotaques - se dizendo incompreendidos. Explicações desta distância pelo lado intelectual são comuns. Apesar de ser uma saída mais fácil, atitudes assim camuflam um preconceito (mesmo que inconsciente): subestimando a capacidade de entendimento do público leigo, os criadores colocam-se em uma posição de superioridade em relação aos espectadores. Felizmente, como a inquietude também costuma ser característica dos artistas, este distanciamento “justificado” é uma regra geral, mas que tem muitas exceções.

Se é no cotidiano que geralmente os criadores buscam inspiração, também é dele que saem os preciosos mecanismos de aproximação entre a dança contemporânea e o seu público. Alguns criadores da dança contemporânea, incomodados com o afastamento vigente, construíram trabalhos que são verdadeiras pontes, ainda que não seja este o objetivo primeiro das suas criações. Esse é o caso de Cláudia Müller e o seu 'Dança Contemporânea em Domicílio'. “Acredito que o estranhamento se dá pelo desconhecimento. Não fiz o projeto com o objetivo de me aproximar do público, mas me agrada a idéia de poder ir a lugares que habitualmente não iria, e ter um público que normalmente não teria. Eu gosto de público que tem rosto” - explica a artista paulista, radicada no Rio de Janeiro.

Buscando um diálogo com a cidade, mais com as pessoas e o seu cotidiano do que com a arquitetura, ela encontrou a idéia de fazer entregas de dança contemporânea em espaços públicos e propôs ao festival carioca 'Dança em Trânsito', sendo aceita em 2004 para os seus primeiros experimentos. “Já tinha visto vários espetáculos que são simplesmente transportados de um ambiente para o outro. Vão para as ruas do mesmo jeito que estavam no palco. E como acho que isso não funciona assim, resolvi investigar outras possibilidades de aproveitamento do espaço e principalmente de diálogo com quem vai assistir” - conta Cláudia. No formato inicial uma trilha sonora acompanhava a coreografia e as entregas eram todas encomendadas pelo contratante. Já no ano seguinte, a proposta ganhou um figurino próprio e a sonorização foi substituída por trechos de um texto dito pela performer e chamado “O retrato do artista enquanto um trabalhador”, do belga Dieter Lesage (Pelos vistos este problema do não reconhecimento do artista como trabalhador não é só do Brasil...). Como indica o próprio título, o artigo lança questionamentos sobre arte e mercado: “Você é um artista. Isso significa que você não faz arte por dinheiro. Isso é o que algumas pessoas pensam [1]”. Questões que serviram como uma luva para refletir as inquietações que motivaram Cláudia Muller a criar esta performance. “Será que a arte é uma mercadoria, será que é possível entregar dança contemporânea como se entregam outros produtos?” - pensou a criadora-intérprete e partiu em busca de respostas, utilizando a matéria-prima que tinha: seu corpo, sua movimentação.

“A maioria das pessoas que recebe a entrega, faz perguntas, quer conversar sobre arte e dança contemporânea, quer saber onde pode assistir ou onde pode fazer aulas” - conta Cláudia. E olha que, segundo ela, muitas das pessoas nunca tinham visto nada de dança contemporânea e algumas sequer tinham visto um espetáculo de dança. Se essa não era a intenção declarada da autora, foi, pelo menos, um resultado muito bem vindo ao seu trabalho. Os pedidos são feitos por telefone e sempre tem que haver patrocinadores para que o destinatário possa receber gratuitamente o inusitado presente. O projeto já passou por inúmeras cidades nos mais variados estados brasileiros[2], e fez inclusive uma temporada na Espanha em dezembro do ano passado. Cláudia diz que “para esse tipo de trabalho além do preparo físico, também é preciso de um bom preparo emocional. Porque em uma mesma tarde posso ter que me apresentar na UTI de um hospital, em um carro estacionado, em uma praça pública ou em uma duna de areia na praia[3]”.

O mais difícil para ela foi aprender como chegar às pessoas, sem ser mal interpretada ou confundida com os atores que fazem 'pegadinhas' em programas de televisão, e sabendo ainda que a pessoa pode não querer receber a entrega. Coisa rara, mas que já aconteceu. “Estou muito exposta. Porém o que é o mais difícil desse trabalho é também o mais legal. Em apenas cinco minutos de performance se trava uma intimidade que não se daria de outra maneira.” - revela. A ausência de personagem ou caracterização cênica e o próprio ato de entregar colaboram para criar em tão rápido encontro um sentimento de cumplicidade imediato, expresso das mais variadas formas. “Alguns se emocionam, outros querem dançar junto comigo, muitos analisam a obra, querem debater os problemas dos artistas, conversar... Cada um reage à sua maneira” - comenta Cláudia. Estas reações instigaram a artista a pensar em um desdobramento do projeto que pudesse mostrar um pouco do que encontros com a realidade da dança contemporânea podem provocar em qualquer pessoa, independente da profissão, nível de escolaridade ou grau de contato com a arte contemporânea. E assim surgiu em 2007 a videodança 'Fora de Campo', uma das cinco produções selecionadas e financiadas pelo edital Rumos Dança, do Itaú Cultural.

Ao tirar a dança do seu espaço convencional, o teatro; sair do formato habitual, o espetáculo; e invadir o cotidiano das pessoas, Cláudia Müller inevitavelmente acaba criando sim uma aproximação com o público. E ao oferecer sua proposta de dança contemporânea pode tornar-se a informação que faltava, pode virar o elemento conector, uma identificação que ajuda “o espectador de primeira viagem” a reconhecer a dança contemporânea. A partir daí, talvez, o

estranhamento não seja tanto. É certo que o artista não precisa da aprovação de ninguém para criar, e que compor uma obra coreográfica pensando em agradar determinado grupo ou o público em geral pode levar à reprodução dos mesmos modelos e o que é pior, dos mesmos pensamentos de dança. Isso não quer dizer que o criador não se importe com o público, apenas entende que nem todos vão se interessar pela sua obra, mesmo que ele siga as tais tendências da vanguarda contemporânea. Como não existem critérios fixos ou limites para classificar uma obra na extensa gaveta da dança contemporânea, seguir quaisquer moldes que as tendências apontem poderá resultar em uma receita falida. Para chamar atenção para as questões que quer expor no seu trabalho o artista vai precisar lançar mão de estratégias. Estratégias de mercado como o esquema *delivery* escolhido por Cláudia Müller é apenas um desses caminhos que a arte contemporânea oferece. Muitos outros estão à espera que a curiosidade investigativa nata dos criadores vença o desejo de classificar e definir limites.

[1] Trecho do texto “*O retrato do artista enquanto um trabalhador*”, de Dieter Lesage.

[2] Em janeiro de 2008, Cláudia Muller fez entregas em Recife, durante o XIV Janeiro de Grandes Espetáculos, festival de teatro e dança. Em fevereiro volta à Espanha, desta vez para fazer entregas em Barcelona.

[3] Todas as situações citadas referem-se a entregas que ela realizou em 2007 em vários locais.